

A MONOPOLIZAÇÃO EM UMA CONVERSA INFORMAL: UMA DESCRIÇÃO DOS MOVIMENTOS DE CONTINUAÇÃO A PARTIR DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

MONOPOLIZATION IN A CASUAL CONVERSATION: A DESCRIPTION OF CONTINUING MOVES FROM SYSTEMIC FUNCTIONAL LINGUISTICS

DOI 10.20873/ufft2179-3948.2022v13n1p158-183

Camila Stephane Cardoso Sousa¹

Iasmin Martins Andrade²

Thainá Galvão de Almeida³

Resumo: Este trabalho objetiva descrever as sequências continuativas em uma conversa informal. Utiliza como *corpus* o C-ORAL-Brasil I (RASO; MELLO, 2012) e configura-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva. Estabelece, como categorias de análise, o sistema de NEGOCIAÇÃO, sobretudo, na classe de movimentos de manutenção por continuação. Os resultados indicam que, pela distribuição de frequência das ocorrências dos movimentos de continuação, há uma dominância da seleção do papel de falante por parte de um único interactante, que detém mais da metade desse tipo de movimento. Essa continuação enseja, sobretudo, a desenvolver os tópicos estabelecidos ao longo da conversa.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional; sistema de NEGOCIAÇÃO; funções discursivas; sequências de movimentos de continuação; conversas informais.

Abstract: This work aims to describe continuative sequences in an informal conversation. It uses as *corpus* the C-ORAL-Brasil I (RASO; MELLO, 2012) and is configured as a qualitative and descriptive research. It establishes, as categories of analysis, the NEGOTIATION system, especially in the class of continuing moves. The results indicate that, due to the frequency distribution of the occurrences of continuing moves, there is a dominance of the selection of the speaker role by a single interactant, which contains more than half of this type of move. This continuation, above all, aims to develop the topics already produced throughout the conversation.

Keywords: Systemic Functional Linguistics; NEGOTIATION system; speech functions; continuing move sequences; informal conversation.

¹ Doutora em Linguística, Professora do Departamento de Letras Vernáculas (DLV-UFC), coordenadora do projeto de pesquisa "A negociação em conversas informais", camilacardoso@ufc.br, <https://orcid.org/0000-0002-0743-267X>.

² Graduanda do 7º semestre do curso de Letras Português-Espanhol, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFC), iasmin.martins@alu.ufc.br, <https://orcid.org/0000-0003-1759-6827>.

³ Graduanda do 5º semestre do curso de Letras-Português, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FUNCAP), thainag.almeida@alu.ufc.br, <https://orcid.org/0000-0002-3579-0343>.

Introdução

A conversa casual tem sido objeto de investigação de diferentes correntes sociológicas, filosóficas, antropológicas, linguísticas etc. O interesse por esse fenômeno deve-se possivelmente a sua natureza bastante presente em nossas vidas como atividade sociossemiótica cotidiana. Na Linguística, há várias correntes que buscam se debruçar sobre a natureza e o funcionamento das conversas casuais. Com o propósito de investigá-la como potencial de construção de significados em língua portuguesa, propomos descrevê-la sob o viés da Linguística Sistemico-Funcional (LSF) neste trabalho.

Outros trabalhos têm se dedicado à investigação da natureza interacional das negociações na conversação *lato sensu*, a exemplo de Fernandes (2011) e Parise (2015), que se debruçaram sobre o desacordo na fala-em-interação em contextos institucionais, Damasceno (2021), que investigou a negociação na construção da identidade entre falantes em conversas na obra *Invisible Man*, e Galembeck e Veasey (2002), que tratam das marcas de (inter)subjetividade em interações conversacionais simétricas.

Neste artigo, ensejamos nos debruçar, com maior nível de detalhamento, sobre a conversa casual, a partir dos movimentos de continuação, que operam para a manutenção da fala do participante já em curso, a fim de verificar suas funções e suas realizações fonológicas e lexicogramaticais. Concebemos detalhamento neste artigo como a escala que orienta os termos e as classes de termos de um sistema, do nível mais geral para o nível mais específico (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010). Isso nos permite apresentar um quadro descritivo mais completo para a classe de movimentos de continuação. O objetivo geral deste trabalho centra-se na descrição das sequências monológicas em uma conversa informal produzida em contexto privado familiar.

Este trabalho compõe parte de uma pesquisa em desenvolvimento, no âmbito do Programa de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade Federal do Ceará, cujo propósito é descrever e explicar a negociação em conversas informais. Liga-se ainda a um projeto de pesquisa maior, voltado para a caracterização de todos os movimentos do sistema semântico-discursivo na negociação em textos orais conversacionais produzidos em contexto familiar privado em língua portuguesa.

O artigo apresenta, além desta introdução, uma seção teórica, em que discutimos as funções e as realizações dos movimentos de continuação, uma seção metodológica, uma seção de análise, em que apresentamos e sistematizamos os resultados e, por fim, nossas considerações finais.

1 O sistema de NEGOCIAÇÃO

A negociação em conversas casuais constitui o potencial de significados interpessoais que negociamos no âmbito do discurso para operar trocas comunicativas. Martin e Rose (2007) descrevem o sistema de NEGOCIAÇÃO⁴ como a rede de opções que orienta a interação e estabelece a troca entre os falantes. Isso implica que nossas trocas são operadas microinteracionalmente por meio de um conjunto de ações sociocomunicativas, organizadas em movimentos, que manifestam funções discursivas específicas.

O movimento constitui, assim, a unidade de análise no estrato semântico-discursivo, para a qual uma função discursiva é assinalada. Como definem Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 147): “[o movimento é] uma unidade semântica interpessoal (do diálogo), abaixo do nível da troca. É o ponto de origem do sistema de FUNÇÕES DISCURSIVAS⁵. É tipicamente realizado por uma oração (livre)”.

O sistema de FUNÇÕES DISCURSIVAS estabelece como condição de entrada o movimento, cujas funções consistem, no primeiro nível de detalhamento⁶, na atribuição dos papéis interacionais a serem assumidos pelos interactantes, de modo que se estabeleça a configuração da audiência (EGGINS; SLADE, 2006; EGGINS, 1990). Há, portanto, duas classes de movimentos iniciais: (a) abertura, que estabelece uma configuração da audiência; (b) manutenção, que mantém em curso a troca interacional. Essa última constitui a macroclasse de movimentos que ensejamos investigar neste artigo, os movimentos de manutenção por continuação. Em um segundo nível de detalhamento, os movimentos de manutenção orientam o sistema de TOMADA DE TURNOS, instituindo para isso duas subclasses: (i) movimentos de continuação, em que o mesmo interactante, já com a fala em curso, opera uma autosseleção para manter a interação; (ii) movimentos de reação, em que o falante em curso designa outro interactante para assumir a continuidade da conversa ou um dado interactante opera uma autosseleção para tomar o turno.

Os movimentos de manutenção por continuação, foco deste trabalho, referem assim a manutenção da configuração da audiência já estabelecida nos movimentos de abertura, caracterizando-se por selecionar o mesmo interactante já em curso no papel de falante.

A investigação desse tipo de movimento nos permite lançar luz sobre o valor semântico-

⁴ Como forma de notação, utilizamos versalete para grafar nomes de sistemas, conforme prevê a LSF.

⁵ Utilizaremos, neste artigo, a tradução “funções discursivas” para o termo “speech functions”.

⁶ Neste trabalho, buscamos, sempre que possível, utilizar as traduções sugeridas por Cabral et al. (2021).

funcional que ocorre em cada uma dessas ações comunicativas (EGGINS; SLADE, 2006; SLADE, 1996; EGGINS, 1990). Eggins (1990) chama atenção para esse ponto, a fim de contrastar a unidade de movimento com a unidade do turno conversacional. Em algumas interações de natureza pragmática, ou seja, orientadas para um fim, cada movimento tende a equivaler a um turno. Desse modo, cada interactante toma o turno e organiza seus significados interacionais, sendo o próximo turno/movimento designado para um outro interactante. No entanto, em conversas casuais, com a possibilidade de participação de múltiplos interactantes, ocorre de um mesmo falante manter seu turno e realizar múltiplos movimentos, de mesmo valor semântico-funcional ou não. Isso significa que a autosseleção pode resultar em um único turno, extenso o suficiente para realizar múltiplos movimentos. Vista de um modo mais amplo, uma conversa pode aparentar um equilíbrio de distribuição de turnos sem que necessariamente haja um equilíbrio no modo de participação efetivo de cada interactante, manifestado no modo como esse(s) interactante(s) opera(m) semanticamente quando assume(m) sua vez de falar. Assim um determinado interactante pode se manter por mais tempo na posição de falante e monopolizar uma conversa.

Os movimentos de continuação englobam movimentos necessariamente relacionados entre si estruturalmente por elipse, substituição, taxa ou conjunção. A classe de movimentos de continuação organiza duas subclasses que contrastam entre si semanticamente: movimentos de checagem e de desenvolvimento. Os primeiros orientam o desenvolvimento da interação interpessoalmente, resultando em trocas de natureza mais interacional, o que significa abrir espaço para a tomada de turno de outro(s) interactante(s). Os segundos organizam significados ideacionais, por gerenciamento do tópico discursivo, o que resulta em sequências mais monológicas, isto é, com menor espaço para a troca de turno. No gráfico 01, reproduzimos a rede ligada aos movimentos de continuação.

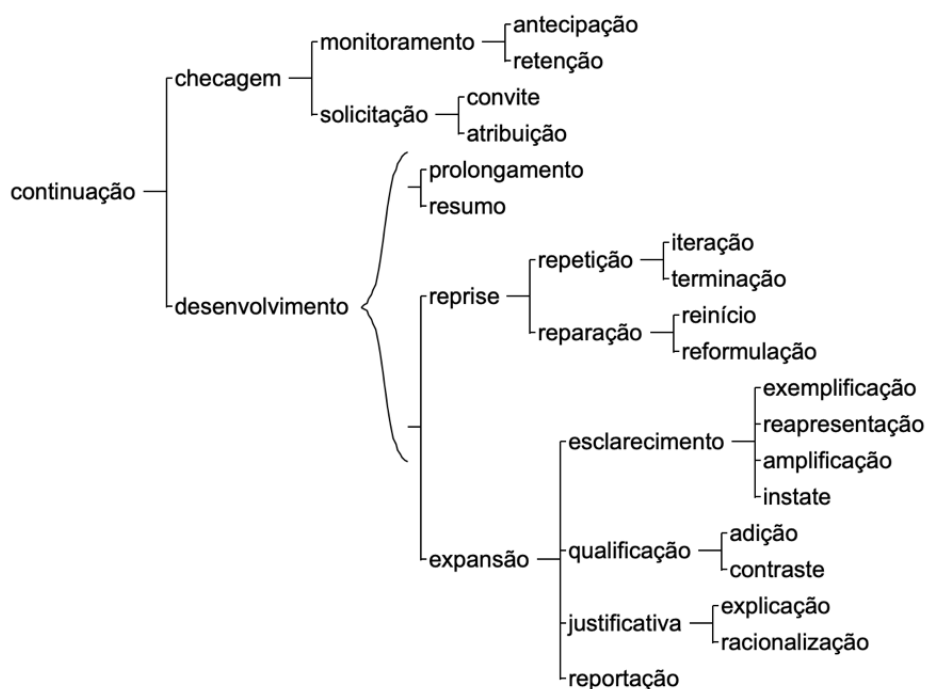


Gráfico 01 - Movimentos de continuação até o sexto nível de detalhamento
 Fonte: Traduzido de Eggins (1990, p. 225).

Cada subclasse dispõe de novos termos que podem ser descritos a partir de graus de especificidade, conforme o nível de detalhamento. No quadro 01, indicamos a classe de movimentos de continuação: checagem, com suas respectivas funções, por nível de detalhamento. Salientamos que os níveis 1 e 2 são compostos, respectivamente, pelos movimentos contrastivos de abertura e manutenção e pelos de continuação e reação.

3º nível de detalhamento	Movimento	Checagem			
	Função	Gerenciamento da interação			
4º nível de detalhamento	Movimento	Monitoramento		Solicitação	
	Função	Reconexão do papel de falante		Passagem do papel de falante para um interlocutor; buscam estabelecer reações de negociação	
5º nível de detalhamento	Movimento	Antecipação	Retenção	Convite	Atribuição
	Função	Requisição implícita de feedback dos interlocutores, a fim de manter a atenção da audiência; reconhece a existência da audiência, sem, contudo, passar-lhe a palavra	Requisição explícita de feedback dos interlocutores; reconhece a existência da audiência e antecipa uma possibilidade de troca de turno, não necessariamente imediata	Elicitação de uma reação objetiva, demandando uma resposta para uma informação factual	Elicitação de uma reação subjetiva, demandando uma resposta acerca de uma informação factual ou de uma anuência acerca de uma opinião; focaliza a consciência do interlocutor sobre a demanda

Quadro 01 - Movimentos da subclasse checagem

Fonte: Elaboração das autoras, Fortaleza, 2022, a partir de Eggins (1990).

No quadro 02, apresentamos a segunda classe de movimentos, continuação: desenvolvimento, que contrasta com os movimentos de checagem, uma vez que os primeiros gerenciam a interação e estes, o tópico em desenvolvimento. Subdividimos a classe de desenvolvimento em cada grupo de subclasses (prolongamento e resumo; reprise e expansão), a fim de melhor descrevê-los. Ressaltamos que a chave no gráfico 1 indica que o falante cosseleciona uma opção dentre as que estão disponíveis na primeira subclasse e uma opção dentre as que estão disponíveis na segunda subclasse.

3º nível de detalhamento	Movimento	Desenvolvimento	
	Função	Gerenciamento do tópico	
4º nível de detalhamento	Movimento	Prolongamento	Resumo
	Função	Sucessão imediata do tópico produzido no movimento anterior, sem interrupção ou atraso	Retomada de tópico que passou por algum tipo de intervenção ocorrida entre movimentos relacionados, que apresentam continuidade estrutural

Quadro 02 - Movimentos da subclasse desenvolvimento: prolongamento e desenvolvimento: resumo

Fonte: Elaboração das autoras, Fortaleza, 2022, a partir de Eggins (1990).

A segunda subclasse é desenvolvida no quadro 03, de modo a explicitar os movimentos de reprise e expansão, a partir dos quais o falante retoma um tópico já introduzido, mantendo sua carga informacional ou ampliando-a.

3º nível de detalhamento	Movimento	Desenvolvimento	
	Função	Gerenciamento do tópico	
4º nível de detalhamento	Movimento	Reprise	Expansão
	Função	Retomam um conteúdo experiencial já apresentado (dado)	Promovem um conteúdo experiencial com carga informacional nova

Quadro 03 - Movimentos da subclasse desenvolvimento: reprise e desenvolvimento: expansão

Fonte: Elaboração das autoras, Fortaleza, 2022, a partir de Eggins (1990).

Os movimentos da classe *reprise* (quadro 04) são, por sua vez, especificados em repetição e reparação (5º nível de detalhamento), que concernem à retomada do tópico sem e com alteração, e às possibilidades de serem repetidos (movimentos de iteração e terminação, no 6º nível de detalhamento) ou reparados (movimentos de reinício e reformulação, no 6º nível de detalhamento).

4º nível de detalhamento	Movimento	Reprise			
	Função	Retomam um conteúdo experiencial já apresentado (dado)			
5º nível de detalhamento	Movimento	Repetição		Reparação	
	Função	Retomam um conteúdo experiencial sem alterá-lo		Retomam um conteúdo experiencial, alterando-o	
6º nível de detalhamento	Movimento	Iteração	Terminação	Reinício	Reformulação
	Função	Retomam um conteúdo experiencial do mesmo modo como foi produzido em movimento anterior	Retomam um conteúdo experiencial, para completar seu conteúdo	Repetem informações necessárias para reparar um problema manifestado em movimento anterior	Reparam informações por novos modos de expressar o que já foi dito anteriormente

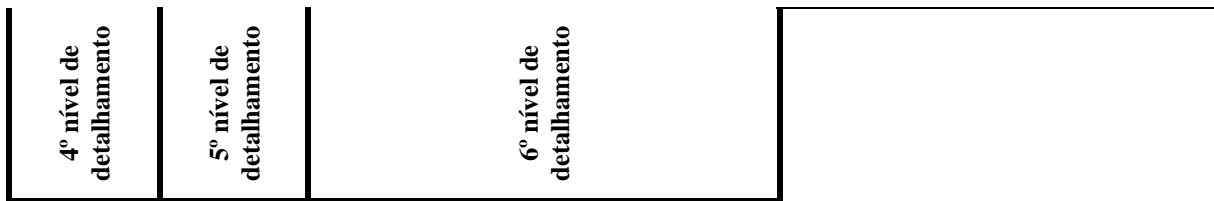
Quadro 04 - Movimentos da subclasse reprise

Fonte: Elaboração das autoras, Fortaleza, 2022, a partir de Eggins (1990).

Por fim, os movimentos de expansão (quadro 05), que orientam o acréscimo de informação nova, subdividem-se, a partir das relações lógico-semânticas que estabelecem, em esclarecimento, qualificação, justificativa e reportação. Cada um desses movimentos elabora, estende, intensifica ou projeta a informação nova.

Expansão	
Movimento	Promovem um conteúdo experiencial com carga informacional nova. Cada subclasse liga-se às relações lógico-semânticas, propostas por Halliday.
Função	Relações de projeção
Movimento	esclarecimento
Função	Relações de elaboração
Movimento	Exemplificação
Função	Adiciona exemplos
	Reapresentação
	Paráfraseia informação anterior
	Amplificação
	Amplia um dado aspecto já realizado
	Instate
	Desenvolve elementos anteriores (polaridade ou imodalidade)
	Adição
	Adiciona mais elementos ao que se vem dizendo
	Contraste
	Adiciona informação contrastiva
	Explicação
	Adiciona elementos de circunstância causa ou efeito
	Racionalização
	Adiciona elementos de circunstância causa ou efeito
	Relações de intensificação
	justificativa
	Relações de intensificação
	relato
	Relações de extensão
	qualificação
	Relações de extensão
	justificativa
	Relações de intensificação
	reportação
	Relações de projeção

Quadro 05 - Movimentos da subclasse expansão
Fonte: Elaboração das autoras, Fortaleza, 2022, a partir de Eggins (1990).



Cada quadro é orientado, horizontalmente, em termos de relações de contraste, assim os movimentos de reprise contrastam com os de expansão, por exemplo, e verticalmente, em termos de níveis de detalhamento, permitindo um percurso das classes mais gerais para as mais específicas. Nas próximas seções, discutiremos os critérios lexicogramaticais e fonológicos de identificação.

2. Critérios lexicogramaticais para a identificação de movimentos

Um dos critérios de identificação dos movimentos, que compõem a troca conversacional, é a cosseleção de uma oração, no sistema de MODO, e de um tom, no sistema de TOM (EGGINS, 1990; SLADE, 1996; EGGINS; SLADE, 2006). No primeiro caso, a unidade configura um componente do estrato lexicogramatical. Através desse estrato, é possível perceber as opções lexicogramaticais que realizam⁷ um dado movimento e reconhecer quais recursos lexicogramaticais da língua são utilizados para dar continuidade, para abrir, para reagir, para confrontar, para chamar ou até mesmo para fechar uma conversa.

Conforme dito na seção 1, esses movimentos fazem parte de categorias maiores, os papéis fundamentais da fala. Segundo a teoria da GSF, a fala realiza basicamente dois papéis principais. O primeiro papel da fala é o de dar, e, quando isso acontece, o locutor que está pretendendo abrir uma fala, ou reagir a uma já exposta, está simultaneamente convidando o ouvinte a receber aquilo que será exposto por ele. Prosseguindo, o segundo papel da fala é o de solicitar, dessa forma, o locutor que solicita algo está simultaneamente convidando o interlocutor a dar (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Os papéis da fala (dar e solicitar) apresentam duas mercadorias principais que são trocadas em um processo conversacional: proposições e propostas. Quando temos proposições, o que está sendo trocado em um diálogo são informações, que acontecem exclusivamente através da verbalização da língua. Dessa forma, as proposições são informações que podem ser negadas, questionadas, colocadas em dúvida e afirmadas. Já quando temos propostas, o que está sendo trocado são bens e serviços.

⁷ Quiroz (2015, p. 269) explicita que o princípio de realização na LSF “vincula formas de organização semiótica em distintas ordens: entre estratos (realização interestratal), entre sistema e estrutura (realização axial) e entre função e classe (realização na escala de nível)”. Estamos utilizando o sentido de realização interestratal quando nos referimos à realização dos movimentos no estrato lexicogramatical e fonológico.

Quando informações são trocadas em uma conversa, as realizações presentes são estritamente verbais, ou seja, o objeto de troca reside na linguagem. Diferente da troca de informações, a troca de bens e serviços envolve realizações que vão além do âmbito linguístico, pois, nesse tipo de troca, a linguagem é utilizada como um meio de interferir nas ações do interlocutor. “Na troca de bens e serviços, o indivíduo usa a linguagem para influenciar o comportamento de alguém. É nesse sentido que a linguagem é instituída como instrumento de ação. A expectativa do falante é que o interlocutor faça aquilo que é enunciado” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 105).

Com base nos dois papéis vistos anteriormente, Halliday e Matthiessen (2014) definem 4 funções primárias da fala, que são as de: ofertar, declarar, perguntar e comandar.

Papel na troca	Valor trocado	
	INFORMAÇÕES	BENS E SERVIÇOS
Dar	<i>Declaração</i> Ele serviu-me um café.	<i>Oferta</i> Você quer um café?
SOLICITAR	<i>Pergunta</i> O que ele lhe serviu?	<i>Comando</i> Sirva-me um café.
	PROPOSIÇÃO	PROPOSTA

Quadro 06 - Relação entre papéis na troca e mercadorias
Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 105).

A partir da identificação dessas funções, é possível classificar os modos oracionais presentes em uma conversação. As orações que estruturam uma interação conversacional podem ocorrer através de três modos oracionais: modo indicativo, modo interrogativo e modo imperativo. O modo declarativo realiza declarações. O modo interrogativo realiza perguntas e ofertas, que exigem respostas polares (sim ou não). Por último, o modo imperativo realiza ordens e comandos (FUZER; CABRAL, 2014).

Proposições	Modo oracional	propostas	Modo oracional
<i>Declaração</i> Ele serviu-me um café.	Declarativo	<i>Oferta</i> Você quer um café?	Interrogativo
<i>Pergunta</i> O que ele lhe serviu?	Interrogativo	<i>Comando</i> Sirva-me um café.	Imperativo

Quadro 07 - Relação entre papéis na troca e mercadorias
Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 105).

Todas essas realizações da fala (declarar, ofertar, perguntar, comandar) constituem movimentos na proposta de Halliday e Matthiessen (2014), pois são as ações comunicativas

operadas pelo falante para formular o que pretende de acordo com suas motivações. A lexicogramática é um estrato da língua que fornece recursos semânticos interpessoais, por meio do sistema de MODO, em que a oração, a depender da mercadoria operada na troca, organiza propostas ou proposições (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Para que se possa fazer o mapeamento dos movimentos, utiliza-se o sistema de MODO. Esse sistema permite que a oração seja analisada a partir de seus componentes. Em uma conversa, certas estruturas são recorrentemente utilizadas para que se possa atingir um objetivo comunicacional.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), o sistema de MODO apresenta componentes interpessoais que permitem operar escolhas na oração de acordo com o valor semântico de cada uma de suas partes. A princípio, a oração pode ser organizada em duas partes: Modo e Resíduo.

O Modo constitui-se de outros dois componentes, Sujeito e Finito. Enquanto o componente Sujeito sempre está relacionado com um grupo nominal, o componente Finito está sempre relacionado com um grupo verbal que carrega significação, contendo nele informações como: tempo, modalidade e polaridade. Além disso, Halliday e Matthiessen (2014) apontam que o elemento Finito carrega a opinião do falante. O componente Finito presente no sistema de MODO apresenta dois elementos muito importantes que regem uma conversação e que são fundamentais na classificação dos movimentos. Esses elementos são: Polaridade e Modalidade.

Para Halliday e Matthiessen (2014), a polaridade está relacionada com a escolha do falante, que pode negar ou afirmar algo. Sendo assim, a polaridade positiva está relacionada com respostas afirmativas, e a polaridade negativa está relacionada com respostas negativas. As expressões utilizadas para expressar polaridade podem vir através de adjuntos modais de polaridade (sim/não). Assim como as expressões “sim/não”, a polaridade pode se relacionar à modalidade, pois, a partir de certos contextos, os verbos modais são regulados por elementos polares adquirindo sentido afirmativo ou negativo (pode/não pode).

A polaridade configura, desse modo, uma escala na qual, em uma extremidade, temos a afirmação (sim) e, na extremidade oposta, temos a negação (não). Entre esses dois polos, a escala apresenta expressões que não são propriamente *sim* ou *não*, mas que representam graus de possibilidade, probabilidade, necessidade etc. Esse intermédio da escala constitui os recursos de Modalidade.

A Modalidade, segundo Halliday e Matthiessen (2014), é definida pelas expressões de incerteza que transitam entre o “sim” e o “não”, ou seja, por palavras que apresentam graus intermediários entre os polos extremos negativo e positivo: “o que o sistema de modalidade faz é construir a região de incerteza” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 176). Logo, em um

movimento de fala que apresenta modalidade, o falante provavelmente está negociando graus de incerteza sobre algo.

O Resíduo, por sua vez, apresenta três componentes interpessoais: Predicador, Complemento e Adjunto. É importante ressaltar que nem sempre aparecerão todos os elementos do resíduo em uma oração. Dessa forma, os elementos anteriormente mencionados não necessariamente dependem um do outro para aparecer em uma oração, porém relacionam-se entre si quando presentes.

O grupo verbal que realiza o predicador não carrega significação interpessoal, mas, sim, uma significação ligada à noção ideacional do processo, ou seja, não traz consigo informações que envolvem modalidade, temporalidade e polaridade. Esse elemento aparece com grande frequência nas orações, com exceção daquelas que apresentam elipse ou que constituem uma oração menor.

O Complemento “[...]” é um elemento dentro do Resíduo que tem o potencial de ser Sujeito, mas não é” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 153). Dessa maneira, o Complemento pode ser realizado por grupos nominais, assim como o Sujeito. Esses elementos nominais são, em geral, atualizados anaforicamente por um Sujeito. Além disso, elementos adjetivais também podem constituir o Complemento.

Por último, o Adjunto “é normalmente realizado por um grupo adverbial ou uma frase preposicional” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 155). O Adjunto caracteriza-se por não ter potencial para se tornar Sujeito. Ideacionalmente, é responsável pela expressão de circunstâncias (podendo ser de tempo, modo, lugar, causa, finalidade etc).

Por fim, além dos componentes do sistema de MODO, também são utilizados alguns recursos linguísticos interpessoais nos processos interacionais de conversação. Esses recursos linguísticos também são importantes para a identificação de movimentos da fala, pois é comum que em conversas reais ocorram estruturas não congruentes, ou seja, que não correspondem propriamente à oração, mas somente a algum(ns) componentes(s) em específico.

Podemos identificar como parte desses recursos linguísticos: expletivos, vocativos, expressões modalizadoras, verbos modais, adjuntos de comentário e adjuntos modais. No quadro 12, sintetizamos as funções de cada um desses recursos.

RECURSOS LINGUÍSTICOS	FUNÇÃO
Expletivos	Expressões que indicam emoção ou estado do falante.
Vocativos	Palavras utilizadas para realizar um chamamento.

Expressões modalizadoras	São expressões formadas, normalmente, pelos verbos (<i>ser/estar</i>) seguidos por adjetivos como (<i>provável, possível, necessário</i>).
Verbos modais	Grupo de verbos que acompanham verbos principais, indicando o grau de comprometimento.
Adjuntos de comentário	Indicam posicionamento ou opinião do falante.
Adjuntos modais	Expressões que indicam modalidade, temporalidade e polaridade.

Quadro 08 - Funções dos recursos lexicogramaticais da metafunção interpessoal

Fonte: Fuzer e Cabral (2014, adaptação, p. 116 - 119).

Eggins (1990) ressalta que a oração, no estrato lexicogramatical, por si só não constitui critério suficiente para a identificação dos movimentos. A autora salienta a necessidade de se considerar os critérios prosódicos, uma vez que elementos rítmicos e entoacionais podem alterar a configuração da troca conversacional.

3 Critérios fonológicos para a identificação de movimentos

Conforme pontuado na seção 1, a abordagem acerca dos movimentos trazida por Martin (1992) propõe que o movimento, em sua realização congruente, consiste em “uma oração selecionada independentemente para MODO” (MARTIN, 1992, p. 59).

Entretanto, essa definição que apresenta uma análise da estrutura conversacional, e que tem em vista os componentes oracionais, não faz referência aos aspectos prosódicos de um sistema conversacional. Os critérios fonológicos, que envolvem os padrões de entonação e as estruturas rítmicas, são defendidos por Eggins (1990) como critérios contribuintes para a análise e identificação dos movimentos, se trabalhados em coocorrência com a lexicogramática.

Sugiro que trabalhar com uma transcrição que inclua ritmo e entonação é essencial para a análise do movimento, pois não apenas os casos problemáticos podem ser resolvidos por referência à análise prosódica, mas também o reconhecimento do ritmo e da entonação na sinalização de limites dinâmicos do discurso pode ser visto para fornecer uma ligação entre o movimento funcional-semântico da abordagem sistêmica e a unidade construtiva do turno interacional dinâmico do modelo etnometodológico. (EGGINS, 1990, p.155)

Para Eggins (1990), é necessário tornar explícitos os elementos prosódicos que incidem na realização dos movimentos, ponto que, embora apareça em Martin (1992), não é discutido explicitamente. A partir da associação dos movimentos e dos sistemas prosódicos, algumas lacunas relevantes para o contexto discursivo podem ser preenchidas, como é o caso dos complexos oracionais e das orações menores, que, a partir desse viés de análise, oferecem características para a classificação em um ou mais movimentos.

Halliday sempre buscou integrar o estrato fonológico ao sistema da linguagem como um todo. Dessa forma, associou o sistema de TOM à metafunção interpessoal para a percepção

do modo na oração. A escolha do tom pode realizar diferentes relações interpessoais entre o falante e o ouvinte. Halliday e Greaves (2008) defendem que, por exemplo, os comandos, as declarações e as perguntas não são necessariamente restritos à sua forma gramatical. Considerando a declaração a partir do significado interpessoal, sua informação pode ser dada de diferentes formas e pode assumir diferentes significados a partir do tom selecionado. Partindo da frase: “Você tirou o dinheiro daquele homem”, a seleção de um tom 2 pode configurar uma pergunta, assim como a escolha de um tom 1 pode configurá-la como uma declaração. Assim, as intenções do falante, transmitidas a partir da seleção de tom, ao lado das escolhas lexicogramaticais, podem ampliar o potencial de significados.

A partir desse pressuposto, para compreender parte da relação entre a lexicogramática e a fonologia, adentrar-nos-emos à compreensão dos componentes fonológicos. O ritmo e a entonação são componentes fonológicos, apresentados por Halliday (1985), responsáveis pela organização métrica e informacional do discurso. Para o linguista, a unidade rítmica é vista como uma função interna que compõe o sistema fonológico e encarrega-se da organização dos sons da fala, sem comprometer seu significado. Os componentes organizacionais constituem um sistema elaborado por Halliday (1985) que delimitam a marcação dos pés fonológicos e a marcação da proeminência tônica.

A conceituação do fenômeno da pausa, abordada pelos autores (EGGINS, 1990; HALLIDAY; GREAVES, 2008), se apresenta de forma breve. Em Eggins (1990, p. 185), tem-se a perspectiva da pausa como estrutura rítmica, que pode se apresentar antes ou depois de um movimento, abrindo espaço para uma reformulação, para uma ocorrência de troca de turno ou, caso isso não ocorra, para a continuidade do turno pelo mesmo locutor.

Em contraposição, Halliday e Greaves (2008, p. 58) apresentam uma maior probabilidade de ocorrer uma pausa no meio de uma unidade de tom, levando em consideração o contorno melódico em ascensão, que indica uma ação contínua da fala, ao invés do fim do tom, podendo identificar uma palavra inesperada.

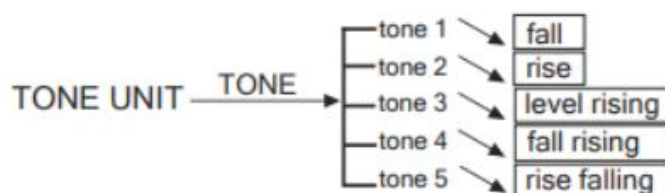
O modelo de entonação de Halliday e Greaves (2008) compreende, entre outros, três sistemas: TONALIDADE, TONICIDADE e TOM. A TONALIDADE está relacionada com o andamento da conversa, de forma que ela é responsável pela sucessão dos elementos informacionais (HALLIDAY; GREAVES, 2008). Esses elementos se configuram a partir da organização de informações dadas, ou seja, que já são do conhecimento ou podem ser recuperadas de/por um interactante, e informações novas à medida que são selecionadas pelo falante. Segundo os

autores: “a unidade da informação é uma unidade lexicogramatical que é realizada por uma unidade de tom” (HALLIDAY; GREAVES, 2008, p. 99).

Esses elementos informacionais apresentam a oração como estrutura-base, mas se realizam a partir da escolha sucessiva de tons para a organização discursiva. As duas categorias podem atribuir critérios de análise distintos, que marcam diferentes fatores para seus limites de estudo, contudo, é necessário adequá-los para apresentar seu potencial de criação de significado. Considera-se, também, as dimensões interativas do texto que são responsáveis pelas variáveis que podem ocorrer na fala em curso. Logo, uma mudança depende de sua correlação com a gramática.

A TONICIDADE é o sistema voltado para a organização interna das informações prestadas. Esse sistema baseia-se na proeminência tônica, desse modo, ele é encarregado da marcação da sílaba mais saliente do grupo tonal. A partir da identificação da proeminência, é obrigatória a marcação de um tom correspondente à curva entoacional apresentada. O TOM é o terceiro sistema proposto por Halliday nos estudos da entoação, definido por unidades tônicas e pré-tônicas. Visto que os elementos tônicos são obrigatórios, os pré-tônicos são elementos opcionais e seu padrão de escolha varia de acordo com a escolha tônica, podendo apresentar um ou mais pés. Os diferentes contornos, conhecidos na língua inglesa como *pitch*, configuram os diferentes tons que podem ser selecionados no sistema.

Eles se dividem, em primeiro lugar, em 5 tons, primordialmente:



TOM 1: realiza-se como descendência da curva

TOM 2: realiza-se como uma ascendência da curva

TOM 3: realiza-se como uma baixa-ascendência da curva

TOM 4: inicia-se em descendência e realiza-se como ascendência

TOM 5: inicia-se em ascendência e realiza-se como descendência

Gráfico 02 - Sistema de TOM

Fonte: Halliday e Greaves (2008, p. 44).

Em segundo lugar, Halliday e Greaves (2008) categorizam os tons compostos, que se compõem a partir da união dos tons 1 e 3, 5 e 3. Logo, eles apresentam um duplo foco na ocorrência, marcado por um tom maior e outro menor. Os autores afirmam que as possibilidades de um foco duplo são restritas (HALLIDAY; GREAVES, 2008, p. 46).

Como apresentado na seção 2, o sistema de FUNÇÕES DISCURSIVAS é realizado por diferentes opções no sistema de MODO. Apresentamos aqui a correlação com as opções do sistema de TOM, tal como aponta Eggins (1990).

FUNÇÕES DISCURSIVAS	realização no MODO	realização no TOM
asseveração	declarativo	descendente (tom 1)
questão: polar	interrogativo: sim/não	ascendente (tom 2)
questão: não polar	interrogativo: QU-	descendente (tom 1)
comando	imperativo	descendente (tom 1) ou baixa ascendência (tom 3)
oferta	(vários)	(vários)

Quadro 09 - Relação entre as FUNÇÕES DE FALA e suas realizações no sistema de MODO e de TOM

Fonte: Halliday e Greaves (2008, p. 110).

Os autores fazem um breve comentário acerca dos tons selecionados para as ocorrências de funções discursivas e modo, fazendo o seguinte apontamento:

(...) este sistema tem um potencial considerável de extensão semogênica, pelo princípio da dissociação das variáveis associadas já aludidas. Em princípio, qualquer modo pode combinar com qualquer tom. (Além disso, é claro, tanto o modo quanto o tom incorporam muitas opções mais delicadas (...)) (HALLIDAY; GREAVES, 2008, p. 110).

Logo, considerando todos os fenômenos lexicogramaticais e fonológicos já apresentados e considerando a dinamicidade da troca conversacional, essas seleções de tom podem sofrer variação a partir da incorporação da possibilidade de estruturas mais delicadas.

Nos casos de orações declarativas, os autores abrangem todas as possibilidades de seleções de tom, em que cada um pode determinar uma ocorrência. Os casos de declarações em tom 1 com realização congruente são caracterizados por dar informações. A queda de tom pode realizar uma polaridade conhecida como “movimento independente”.

Já as orações declarativas em tom 2 podem funcionar em três diferentes casos: a) de consulta, a qual questiona a informação feita ou implícita; b) de desafio, que contradiz ou protesta contra a declaração feita ou implícita; c) de resposta, que satisfaz uma pergunta feita ou implícita.

Halliday e Greaves (2008) apresentam o tom 3 de leve ascendência, em que é apresentada uma de falta de comprometimento do locutor com o tópico comentado. Ele pode ser recorrente em situações de rompimento de passagens inadequadamente densas em

interações orais como, por exemplo, na leitura de um texto em voz alta, que não apresenta curvas entoacionais bem marcadas.

Os casos de tom 4 apresentam uma dinâmica de queda seguida de ascensão, que, segundo Halliday e Greaves (2014), “parece ser, mas não é” ou que apresenta um “mas” em algum lugar. Os casos de tom 5, em contraste ao tom 4, configuram-se em uma dinâmica de ascensão seguida por uma queda, em que a certeza da queda cancela a incerteza da ascensão. Esse tom é frequentemente usado por crianças ou por adultos que imitam crianças e também, em expressões como “Uau” e “De jeito nenhum”.

Os casos de tom 13 apresentam uma declaração congruente, que se anexa a um outro elemento, como elementos circunstanciais ou elementos já dados, em que o falante opta por atribuir um tom secundário. Os casos de tom 53 são breves e carregam a mesma declaração que os tons 5 e 1.

No caso de perguntas congruentes, as orações interrogativas podem apresentar ou não polaridade. Vale considerar que as orações interrogativas apresentam um paradigma de possibilidades, assim como as orações declarativas. Orações polares selecionadas pelo tom 1 marcam o efeito de “chamar atenção” e pedem respostas ou explicações. Em sequência, as orações de tom 2 indicam incerteza, principalmente em frases polares, contudo, as orações de tom 1 apresentam maior possibilidade de explicação. Por fim, as orações interrogativas polares de tom 5 são marcadas pelo efeito crescente-decrescente, as quais se introduzem por “sim”, mas o significado é “não”. Elas se caracterizam por pedir uma explicação ou a certeza de algo.

Em contraponto, as orações não polares interrogativas com tom 2 podem configurar duas possibilidades: configurações de tonicidade neutras ou não congruentes. Nas ocorrências da língua inglesa apresentadas por Halliday e Greaves (2008), os casos de tom 3 nas perguntas QU- apresentam um sentido mais brando, de permissão para solicitar algo. Os casos de orações não polares de tonicidade marcada em tom 2 configuram perguntas de eco, ou seja, quando o questionador repete em referência a uma declaração anterior que ele não ouviu ou em que não consegue acreditar. As orações interrogativas não polares de tom 5 se classificam como as orações declarativas, migrando de um movimento de incerteza para certeza. A elevação inicial pode indicar surpresa ou perplexidade, que é superada pelo momento de descendência.

As ofertas não apresentam uma categoria especial no sistema de MODO, de forma que todos os tipos de modo primários podem configurar uma oferta. Ofertas não polares interrogativas e imperativas podem ser classificadas por tom 1, as interrogativas polares em tom

2, e o tom 3 também apresenta certa frequência para ofertas imperativas, assim como para comandos imperativos.

De acordo com Halliday e Greaves (2008), ocorrências de exclamações apresentam o tom 5 como característico. Elas são frequentes em casos de estruturas de orações híbridas declarativa e interrogativa não polar. Orações declarativas diretas e interrogativas de polaridade negativa também podem funcionar como exclamações nesses casos, como em “Não foi incrível!”, ou como orações menores, como em “Que bagunça!”.

Os casos de chamadas, saudações, despedidas e alarmes são realizados por orações menores que não apresentam o sistema de MODO. Dessa forma, pode haver diferentes seleções de tom. Algumas frases definidas podem apresentar seus tons característicos, contudo, podem apresentar pequenas variações.

4 Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza por sua natureza qualitativa e descritiva. Embora amparada em mapeamento de frequência de uso das ocorrências, nosso intuito é descrever sistematicamente as funções e as realizações dos movimentos de continuação em uma única conversa informal.

O *corpus* desta pesquisa é composto por uma conversa informal produzida em contexto familiar privado, proveniente do C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012). Interação na conversa 4 participantes homens, estudantes de graduação e residentes em Belo Horizonte, Minas Gerais. Designaremos cada participante como F1, F2, F3 e F4. O tópico que norteia toda a conversa versa sobre a realização de campeonatos de futebol. O áudio tem duração de 7 minutos e sua transcrição total resulta em 1482 palavras. A gravação foi realizada na casa de um dos estudantes e caracteriza-se, conforme descrição de Raso e Mello (2012), como uma conversa informal, familiar/privada.

Para o procedimento de análise, buscamos identificar e descrever os movimentos com base nos critérios da Linguística Sistêmico-Funcional. Para o procedimento de identificação, buscamos, em primeiro lugar, mapear as realizações congruentes nos estratos lexicogramatical e fonológico. Quanto às unidades lexicogramaticais, consideramos os componentes do sistema de MODO, Modo (Sujeito e Finito) e Resíduo (Predicador, Complemento, Adjunto), além de expletivos, vocativos, sequenciadores, continuativos e conjuntivos. Quanto às unidades fonológicas, consideramos os componentes do sistema de TONICIDADE: proeminência tônica, RITMO: pausas, TOM: tons primários e compostos. A análise do estrato fonológico foi realizada,

em um primeiro momento, perceptualmente, e, em um segundo momento, por meio do software *Praat*, de modo a amparar acusticamente as classificações empreendidas.

Em segundo lugar, buscamos parear essas realizações, conforme prevê a abordagem sistêmico-funcional: cosseleção de uma oração realizada independentemente para MODO e TOM (EGGINS, 1990; MARTIN, 1992; SLADE, 1996; EGGINS, SLADE, 2006). O pareamento foi, em seguida, reanalisado para considerar os casos não congruentes, em que no lugar da cosseleção prevista foram realizadas outras unidades lexicogramaticais e/ou fonológicas.

Uma vez identificados os movimentos, passamos a sua descrição, com base no sistema de FUNÇÕES DISCURSIVAS, do estrato semântico-discursivo. Foram analisados 391 movimentos, dos quais selecionamos 204 movimentos de manutenção por continuação, distribuídos em 77 turnos, que passaremos a analisar na próxima seção.

5 Análise e discussão dos dados

De modo a descrever as sequências de continuação na conversa informal que compõem nosso *corpus* de pesquisa, buscamos relacionar a quantidade de turnos e de movimentos empreendidos por cada falante, conforme se pode observar no quadro 10.

Falante	Turnos		Movimentos de continuação	
	Nº	%	Nº	%
F1	30	38,96%	108	52,94%
F2	16	20,78%	38	18,63%
F3	15	19,48%	30	14,70%
F4	16	20,78%	28	13,73%
Total	77	100%	204	100%

Quadro 10 - Relação entre falantes, turnos e movimentos de continuação

Fonte: Elaboração das autoras, Fortaleza, 2022.

No quadro 11, sistematizamos as ocorrências quanto à distribuição dos movimentos de continuação a partir de seus níveis de detalhamento por falante.

Movimentos de continuação			F1	F2	F3	F4	TOTAL
Checagem	Monitoramento	Antecipação	0	0	1	0	1
		Retenção	0	0	0	0	0
	Solicitação	Convite	0	0	0	0	0

		Atribuição	0	0	0	0	0	
Desenvolvimento	Prolongamento		97	33	25	25	180	
	Resumo		11	5	4	3	23	
	Reprise	Repetição	Iteração	8	3	0	2	13
			Terminação	1	0	1	0	2
		Reparação	Reinício	0	0	1	2	3
			Reformulação	16	11	4	3	34
	Expansão	Esclarecimento	Exemplificação	6	0	0	3	9
			Reapresentação	1	0	1	0	2
			Amplificação	56	12	10	14	92
			<i>Instate</i>	2	0	0	0	2
		Qualificação	Adição	7	1	5	2	15
			Contraste	6	0	3	1	10
		Justificativa	Explicação	0	0	0	0	0
			Racionalização	4	2	3	1	10
		Reportação		1	7	0	0	8
		TOTAL			108	38	30	28

Quadro 11 - Movimentos de continuação
 Fonte: Elaboração das autoras, Fortaleza, 2022.

A partir da análise dos dados retirados do *corpus*, o quadro 10 reuniu a quantidade de movimentos e de turnos realizados por cada falante. Diante desses dados, podemos constatar que F1 produziu mais de 50% dos movimentos de continuação, enquanto os três outros falantes juntos produziram menos da metade desses movimentos, demonstrando, assim, que F1 se estabelece como aquele que mais se seleciona para o papel de falante, na configuração de audiência já estabelecida. Ao contrário da porcentagem de F1, o percentual de autosseleção de F4 foi o menor, representando somente 13,79% do movimento de continuação. Observe-se, também, que o número de movimentos em comparação com o de turnos, no caso de F1, mais que triplica e que, nos demais casos, chega perto de duplicar-se. Entre F2, F3 e F4, a troca de turnos e a produção de movimentos permanecem equilibradas nos casos de continuação, mas destoam quando comparadas aos de F1, o que indicia a monopolização da conversa por F1, no que concerne especificamente à continuação da fala em curso.

No quadro 11, que quantifica o número de ocorrências das subcategorias do movimento de continuação, é possível perceber que algumas dessas subcategorias são mais recorrentes que outras, apresentando números mais significativos de ocorrências.

Iniciando pelo 3º nível de detalhamento, nível esse que faz o contraste entre as classes de checagem e de desenvolvimento, os dados mostram que, das 204 ocorrências apresentadas, 203 são pertencentes aos casos de desenvolvimento. Esse movimento prevalecente aponta para o fato de que a escolha dos falantes incide sob o gerenciamento dos tópicos apresentados durante a conversa. É possível observar, nos excertos a seguir, a presença do movimento de desenvolvimento:

EXCERTO 1

F1 /3 esse /povo do Ga/láticos é muito/ pa/lha

F1 /3 eu /acho que eles num de/viam /mais partici/par/ <e tal>

As ocorrências apresentadas são classificadas como congruentes por apresentarem uma seleção de modo e entonação de forma congruente. Apesar da existência de uma sobreposição ao fim do movimento, ela não interfere em sua classificação. Do ponto de vista lexicogramatical, elas são constituídas por estruturas prototípicas, apresentando toda a oração independente, não segmentada em decorrência de mudanças rítmicas ou de tom.

Dentre as subclasses apresentadas, o 4º e o 5º nível de detalhamento configuram, em simultaneidade, os casos de prolongamento e resumo, e reprise e expansão. Dentre esses, aqueles que apresentam a maior parte das ocorrências são os de prolongamento e expansão. Nesses casos, o F1 mantém com a maior frequência a sucessão dos tópicos sem ser interrompido e promove a ocorrência de novas informações. Entretanto, foram observadas ocorrências que apresentam incongruências no estrato fonológico, em que truncamentos incidem sobre um mesmo movimento de prolongamento, ocasionando assim, mudanças no estrato lexicogramatical.

EXCERTO 2

F1 /3 era aque& /era aque&

F1 /3 era a/quele cara/ lá

F1 /3 <que> era/ muito

F1 /1 ^ muito /

F1 /5 ^ muito / palha

Apesar de ser um movimento de prolongamento, a estrutura oracional foi seccionada, pois os truncamentos interferiram na configuração fonológica. Os casos de truncamento apresentam uma quebra rítmica no discurso, de modo que ocasionam a mudança do movimento. Cada movimento subsequente apresenta estruturas elípticas, que mantêm entre si um elo coesivo e estrutural. Por tratar-se de um caso não congruente, podemos perceber que os fenômenos fonológicos, como os truncamentos, apesar de quebrarem o ritmo, não apresentam

consequências na estrutura gramatical.

Os casos não prototípicos de movimentos de prolongamento podem ocorrer quando o falante é interrompido e perde o turno de fala, ocorrendo assim a quebra rítmica e estrutural do movimento:

EXCERTO 3

F4 /5 e o /Racing

F4 /5 o Ra/cing <também/ é > +

Devido à sobreposição de turno, o falante é interrompido, impedindo que dê continuidade ao tópico que se segue no discurso (sinalizado pelo símbolo +). É selecionado um tom para o Sujeito, no primeiro movimento, e outro tom, no movimento seguinte. Além disso, a sequência estrutural lexicogramatical é quebrada, pois o finito/predicador “é” precisa de um complemento, que não foi formulado por causa da interrupção.

Nos casos de movimentos de expansão, há a ocorrência de novas informações que, na maioria dos casos, acontecem por complexos oracionais. Dessa forma, é prototípico ter casos com complexos oracionais e não prototípico ter casos em que há uma oração independente. Cabe relacionar também os movimentos de amplificação que fazem parte do 5º e do 6º níveis de detalhamento mais recorrentes, que são os de esclarecimento e os de amplificação. Ambos os movimentos também apresentam como caso não congruente o complexo oracional, já que estão relacionados com a continuação dos movimentos e com as relações lógico-semânticas. Dessa forma, os excertos a seguir realizam a sequência expansão: esclarecimento: amplificação.

EXCERTO 4

F2 /3 gente

F2 /3 a gente /perdeu no /cam/po

F2 /3 a /gente num per/deu por causa /disso

F2 /1 não

Tal ocorrência realiza-se por complexo oracional paratático, apresentando vínculo lógico-semântico de contraste. Do ponto de vista lexicogramatical, as ocorrências tratam de orações prototípicas, ou seja, estruturas gramaticais completas, exceto o vocativo selecionado independentemente, “gente”, que, no estrato fonológico, seleciona tom. Mesmo que se trate de estruturas seccionadas, por causa das seleções de tom, elas continuam sendo orações completas e mantêm sua estrutura rítmica. Esse caso trata de um movimento complexo, em que várias ocorrências selecionam o mesmo movimento. Os tons selecionados, exceto o tom da ocorrência “não”, realizado por uma curva descendente, são configurados em tom 3, entretanto, tal fato não interfere na seleção do movimento.

No exemplo adiante, pode-se perceber que a oração “eu vou”, semanticamente, não tem

relação com as orações anteriores e posteriores a ela. Diante disso, ela não pode ser considerada como parte de um complexo oracional, ou seja, é uma oração independente não congruente.

EXCERTO 5

- F1 /3 não e o Dure/pox
- F1 /1 eu (vou) +
- F1 /5 tinha /um /cara
- F1 era aque& /era aque&
- F1 /3 era a/quele cara/ lá
- F1 /3 <que> era/ muito
- F1 /1 ^ muito /
- F1 /5 ^ muito / palha

Do ponto de vista lexicogramatical, também não há relação entre a oração “eu vou” e as demais orações, pois ela nem retoma nem antecipa estruturas gramaticais das orações que estão próximas, nem mesmo por elipse. Também, pela ausência de informações complementares, não é possível identificar a proeminência tônica, logo, esse caso não seleciona tom.

Os movimentos de reprise presentes no 4º nível de detalhamento tratam do segundo caso de ocorrências mais frequentes nesse nível. Eles têm a função de retomar um conteúdo experiencial já apresentado. As realizações congruentes que serão discutidas contemplam também os movimentos de continuação reprise: reparação: reformulação. A reparação pertence ao 5º nível de detalhamento, e a reformulação, ao 6º nível de detalhamento. Os casos prototípicos acontecem quando a reformulação é concluída.

EXCERTO 6

- F2 /3 <a /gente nũ vai /cha&> +
- F2 /4 quer dizer
- F2 /5 ^ <por /mim eu não /chamo> +

Gramaticalmente, as orações apresentadas no excerto 6 não apresentam vínculos gramaticais, entretanto, o verbo que não foi terminado na primeira oração, é reutilizado e finalizado na segunda, demonstrando que foi feita uma reformulação. Semanticamente, a reutilização verbal já indica, imediatamente, que o primeiro movimento foi reformulado.

Esses casos de reformulação antecidos por truncamento foram ocorrências frequentes na análise em que, após a quebra da estrutura rítmica, o falante tenta reformular a sua fala após uma breve pausa, que ocasiona uma mudança tonal, selecionando um novo tom.

O movimento de resumo foi o terceiro movimento que apresentou maior frequência no que concerne ao 4º nível de detalhamento. Esse movimento prototipicamente ocorre quando há a retomada do mesmo tópico de fala de um locutor que foi interrompido.

EXCERTO 7

- F1 cês/ querem /suge/rir um lu/gar
- F1 <qualquer> coisa desse/ tipo

F4 <é>
F1 <porque>/ assim / &he / &he
F1 quando eu descobri /lá o São Vi/cente

É possível observar que a interrupção realizada por F4 não interfere na estruturação da fala de F1, desse modo, o movimento não sofre modificação, nem sofre interferência das mudanças de tom, nem perda rítmica devido à interrupção. Também, o truncamento apresentado não causa mudança na estrutura rítmica, mas marca uma tentativa do falante de não perder o turno, a partir de um prolongamento, enquanto organiza sua próxima informação.

A realização da unidade lexicogramatical, assim como no próximo exemplo, não se perdeu completamente com a interrupção, pois, apesar de os complementos aparecerem soltos, há informações implícitas de Sujeito, Finito e Predicador, ou seja, estruturas elípticas dessas categorias.

No exemplo seguinte, o componente interpessoal Complemento é seccionado em razão das escolhas fonológicas. Quando F3 interrompe F1, gramaticalmente, a unidade oracional não se perde completamente, pois F3 prossegue, realizando a estrutura do complemento. Entretanto, a estrutura foi particionada, de modo que os componentes ocorrem em outros movimentos de continuação.

EXCERTO 8

F1 <eu nã /sei> que cês /acham
F1 da gen/te +
F1 pra /alguns /setores da organiza/ção
F1 chamar o pesso/al
F1 dos outros /times
F3 mas /a <gente /tenta> /fazer reunião /galera nã/ <comparece>
F1 <por exemplo>

A realização não prototípica do movimento de resumo ocorre quando o falante que é interrompido tenta continuar a falar, mas ainda assim não consegue prosseguir, pois é interrompido novamente, deixando o movimento de resumo incompleto.

EXCERTO 9

F3 a /gente não /de/via ter /tirado ele do Arnaldi/num
F4 <uhn>
F3 <não &de>
F2 <gente>/tirou mesmo /só por cau/sa do &s ^
F2 do seu Joa/quim /lá

A respeito dos aspectos lexicogramaticais, esse movimento de resumo não congruente, que foi interrompido, apresenta um sujeito elíptico, “a gente”, um finito elíptico “devia”, mas não apresenta um complemento, pois como o falante não conseguiu prosseguir, a oração ficou estruturalmente incompleta. Ademais, há uma pequena pausa entre F4 e F3, que ocasiona uma sobreposição, tendo em vista que ambos os falantes retomam a fala ao mesmo tempo, e, conseqüentemente, há uma tomada de turno por F2, e F3 não consegue retomar o turno,

ocasionando assim, uma perda estrutural. Desse modo, o truncamento ocorrido na tentativa de retomada de turno por F3 não é selecionado para tom, nem para modo.

6 Considerações finais

A conversa casual é usualmente descrita com base na interatividade decorrente das tomadas de turno por parte dos falantes. Cada um toma a fala para negociar e coconstruir significados com aqueles com quem interage. Nesse artigo, buscamos descrever uma das classes de movimentos que constituem a conversa, responsáveis por assinalar a função discursiva de continuação. Tais movimentos respondem pela manutenção da fala de um dado falante. Defendemos que esses tipos de movimento constituem uma categoria de análise que, ao lado do turno conversacional, podem fornecer indícios de monopolização da conversa por um dado falante ou por um grupo de falantes específico.

Dentre os movimentos de continuação expressos pelos falantes, observamos, em nossa análise, que a função discursiva mais preponderante são as de prolongamento e de expansão: esclarecimento: amplificação. Isso implica que o principal objetivo buscado pelos falantes é o de orientar o tópico discursivo, sobretudo, acrescentando informações novas para o desenvolvimento das conversas.

A investigação de *corpora* orais em língua portuguesa, sob o viés da Linguística Sistêmico-Funcional, abre muitas possibilidades de descrição e análise linguística. A descrição da rede completa de NEGOCIAÇÃO é um dos pontos que merece maior atenção em pesquisas futuras, incluindo-se a classe de movimentos de abertura e de reação, a fim de fornecer um mapeamento para as interações orais em português brasileiro.

Referências Bibliográficas

CABRAL, S. R. S. et al. Lista de termos da Linguística Sistêmico-Funcional em português brasileiro. *Organon*, Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 483-495, jan./jun. 2021. DOI: 10.22456/2238-8915.114042

DAMASCENO, L. A. *A negociação da identidade em Invisible Man*: uma perspectiva sistêmico-funcional. 2021. 94 f. Monografia (Graduação em Letras - Bacharelado em Tradução) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Ouro Preto, Mariana, 2021.

EGGINS, S. E. R. *Keeping the conversation going*: a systemic-functional analysis of conversational structure in casual sustained talk. 1990. 312 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística - Universidade de Sydney, Sydney, 1990.

EGGINS, S. E. R.; SLADE, D. *Analysing casual conversation*. 2. ed. London, Oakville: Equinox Publishing, 2006.

FERNANDES, L. Z. *O desacordo em uma reunião de trabalho*: funções discursivas. 2011.

- 177 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercados das Letras, 2014.
- GALEMBECK, P. de T.; VEASEY, C. B. O "eu" e o "outro" em diálogos simétricos (projetos NURC/SP e NURC/RJ). *Revista Philologus*, n. 23, p. 153-164, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and written language*. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K.; GREAVES, W. S. *Intonation in grammar of English*. London, Oakville: Equinox Publishing, 2008.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 4. ed. Nova York: Oxford University Press, 2014.
- MARTIN, J. R. *English Text: system and structure*. Filadélfia; Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1992.
- MARTIN, James; ROSE, David. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. 2nd. ed. London: Continuum, 2007.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; LAM, M. *Key terms in Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 2010.
- PARISE, S. S. *A fala-em-interação e o desacordo sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional*. 2015. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- QUIROZ, B. La cláusula como movimiento interactivo: una perspectiva semántico-discursiva de la gramática interpersonal del español. *D.E.L.T.A.* 31 (1), p. 261-301, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445023762456121953>.
- RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (eds.). *C-Oral-Brasil I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. Disponível em: <http://www.c-oral-brasil.org>. Acesso em: 28 fev. 2021.
- SLADE, Diana. *The texture of casual conversation: a multidimensional interpretation*. 1996. 309 f. Tese (Doutorado em Semiótica) - Universidade de Sydney, Sydney, 1996.

*Recebido em 20 de abril de 2022
Aceito em 05 de outubro de 2022*